



**CENRO UNIVERSITÁRIO UNA BETIM
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PEDAGOGIA**

Mariana do Nascimento Moura

Marly de Amorim Silva

Nayara Lorraine Oliveira das Mercês

Selena Aparecida Diniz Leal

**ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL DOS SURDOS EM ESFERAS
SOCIAIS**

Betim

2021/1

Mariana do Nascimento Moura
Marly de Amorim Silva
Nayara Lorraine Oliveira das Mercês
Selena Aparecida Diniz Leal

**ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL DOS SURDOS EM ESFERAS
SOCIAIS**

Monografia apresentada à disciplina TCC
Orientação I como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciatura em
Pedagogia pelo Centro Universitário UNA
Betim.

Professora Orientadora: Adriana Piva

Betim

2021/1

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo apresentar a temática da acessibilidade comunicacional das pessoas surdas, seus desdobramentos em meio às leis voltadas a ela, às associações de surdos, os espaços onde a acessibilidade ou a falta dela mais se destaca, e a relação surdo/ouvinte no contexto social coletivo. A acessibilidade comunicacional das pessoas surdas brasileiras nos respectivos espaços sociais é um assunto desenvolvido e discutido por autores, que apontam que ainda hoje, mesmo com os aspectos legais que garante os direitos dos surdos os espaços sociais ainda não estão preparados para receber esse público, e até mesmo com as leis criadas a partir da Constituição Brasileira, que asseguram garantias à despeito dos direitos dos surdos, estes ainda enfrentam uma realidade de exclusão. As associações se apresentam como um importante lugar de convivência para os surdos, porém sozinhas não são capazes de contemplar toda demanda de acessibilidade comunicacional. Por meio da pesquisa de campo, realizada de forma remota foi possível analisar que mesmo com o apoio das associações ainda hoje, o maior obstáculo enfrentado pelos surdos é a comunicação, tais questionamentos foram verificados por meio de um questionário realizado pela plataforma no google forms, direcionado aos participantes de algumas associações de Betim, Contagem e Sete Lagoas.

Palavras-chave: Acessibilidade Comunicacional. Cultura Surda. Libras. Associações de Surdos.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	5
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	9
<i>2.1 Aspectos históricos do processo de inclusão da pessoa surda no Brasil</i>	<i>9</i>
<i>2.2 Conceito de acessibilidade e os desafios da comunicação das pessoas surdas na esfera social</i>	<i>12</i>
<i>2.3 A cultura surda como condição de acessibilidade das pessoas surdas</i>	<i>18</i>
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DE DADOS	21
<i>3.1 Análise das respostas dos usuários das associações de surdos</i>	<i>21</i>
<i>3.2 Análise das respostas do responsável pela associação de surdos da cidade de Betim</i>	<i>24</i>
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS.....	27

1 INTRODUÇÃO

Para a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS, 2005), o conceito de surdo é atribuído ao sujeito que apreende o mundo por meio das experiências visuais e que partilha do conhecimento de mundo com seus pares através da língua brasileira de sinais, no caso do Brasil. De acordo com o Decreto N° 5626/05, as pessoas surdas têm o direito e a possibilidade de apropriar-se da língua brasileira de sinais na comunidade surda escolar, e da língua portuguesa na modalidade escrita, como segunda língua. Representa-se como surdo por constituir-se através da cultura surda e da língua de sinais que lhe permite a experiência visual própria da alteridade surda. Desse modo, as pessoas surdas podem se desenvolver plenamente, dentro de suas especificidades, tal como qualquer outro ser humano.

No Brasil, estima-se que existam cerca de 15 milhões de pessoas com algum tipo de perda auditiva. No Censo de 2017, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 5,1% da população respondeu ter algum problema auditivo. Atualmente, o Brasil atende a cerca de 9,7 milhões de pessoas com surdez nos diversos níveis e modalidades de ensino, distribuídas entre escolas especiais para surdos, escolas de ensino regular e organizações não governamentais.

A deficiência auditiva (DA) se caracteriza por traços diferenciados e o nível de audição pode variar de acordo com o grau apresentado. Enquanto alguns indivíduos possuem uma escuta bastante reduzida, experienciando somente ruídos intensos, outros são capazes de ouvir vozes, entretanto não distinguem as palavras. Existem aqueles que podem ouvir sons provenientes de frequências reduzidas, o que permite que eles capturem somente trechos daquilo que é falado, sendo assim, as palavras chegam até eles de forma fragmentada e inconclusa, tais sujeitos necessitarão da leitura labial para que seja possível a completa compreensão sonora das palavras através de processamento.

A inclusão social dos surdos é um assunto muito discutido na atualidade. Autores como Marin e Góes (2006) discutem a experiência de pessoas surdas em esfera de atividades do cotidiano, e Monteiro (2006) fundamenta sua pesquisa na história dos movimentos dos surdos e o reconhecimento da Libras no Brasil. Compreender que os sujeitos surdos são pessoas de direitos, principalmente o direito de usar sua língua materna, a língua de sinais, é fundamental para que a inclusão social seja consolidada.

A língua natural que a criança surda adquire inicialmente é construída espontaneamente, por meio de sinais pessoais ou internos do seu meio de convívio. Esse círculo de pessoas que ela tem em muitos casos são de pais e familiares ouvintes que têm, muitas vezes, um receio de aceitar ou conseguir inserir a língua brasileira de sinais (Libras) na comunicação cotidiana com a pessoa surda. Esse tipo de comunicação feita com sinais “caseiros” ou internos ao meio de convívio do surdo, ocorre também com adultos ou jovens e adolescentes que se tornam surdos nessas etapas da vida. Para essas pessoas, é mais difícil conhecer e aceitar a língua, que facilita a comunicação com pessoas que também são surdas. Portanto, estudos sobre os surdos demonstram que quanto mais cedo a pessoa surda tiver a possibilidade de aprender a língua brasileira de sinais (Libras), melhor será, pois entenderá e aprenderá essa comunicação que pode facilitar suas ligações com as pessoas e o mundo. Assim, as crianças que conhecem e estão inseridas em comunidades surdas têm um desenvolvimento considerável da comunicação e interação com as demais pessoas. Ainda assim, os desafios comunicacionais da pessoa surda na vida social cotidiana são diversos.

Diante disso, indaga-se: Como se dá a acessibilidade comunicacional das pessoas surdas? Qual a importância das associações de surdos para facilitar essa acessibilidade?

A partir desses questionamentos pretendemos como objetivo geral: analisar a contribuição das associações de surdos e de seus projetos voltados para disseminar a Libras e viabilizar a acessibilidade comunicacional dos surdos. Como objetivos específicos destacamos: identificar a história de inclusão/exclusão social do surdo e os principais marcos legais atualmente em vigor; analisar o conceito e os principais desafios da acessibilidade comunicacional do surdo na esfera social; e avaliar algumas ações desenvolvidas por associações de surdos e projetos sociais voltados para esse grupo.

Tais indagações surgiram a partir de duas situações em particular: a primeira relacionada a uma palestra fornecida pelo Centro Universitário Una Betim, que trouxe informações sobre a cultura surda, despertando o interesse em conhecer mais e compreender a relação dos surdos com a sociedade. Outra situação que impulsionou o desejo por aprofundar nesse tema surgiu do fato de uma das componentes do grupo ter vivenciado uma experiência profissional envolvendo crianças surdas. A partir dessas experiências, percebeu-se que existe uma dificuldade social para inserção plena dos surdos. Isso ocorre, principalmente devido ao baixo acesso ao aprendizado da Libras entre pessoas surdas, seus familiares, bem como pela população em geral.

Por meio do estudo desse tema, buscamos compreender mais sobre o mesmo, nos direcionando com o foco nas pessoas surdas, tendo em vista o baixo número de profissionais qualificados (professores, médicos, psicólogos, atendentes, etc.). Sendo assim, além do conhecimento adquirido, teremos a oportunidade de atuar direta e indiretamente com a inclusão dos surdos. Afinal, como futuras pedagogas, temos o dever de contribuir para acessibilidade dos surdos, principalmente no âmbito educacional, auxiliando em processos internos da escola, caso o aluno surdo tenha alguma dificuldade, contribuindo para resolução de problemas, entre outras situações que possam acontecer eventualmente.

Comprendemos que a educação é direito de todos, por isso, buscamos conhecer mais sobre a história dos surdos, suas lutas, as legislações que asseguram seus direitos nos dias atuais, além dos desafios enfrentados, para que possamos contribuir para a acessibilidade comunicacional desses sujeitos. Além disso, as pessoas surdas contam com o amparo legal relacionado a sua acessibilidade no ambiente escolar, desde o decreto nº 5.626, que estabeleceu o ensino de Libras obrigatório em todos os cursos de licenciatura. A Libras que por muito tempo foi banida da educação dos surdos é atualmente reconhecida como meio legal de expressão da comunidade surda, o que é uma importante conquista desta comunidade surda, segundo Araújo e Braga (2020).

Esse trabalho foi realizado por meio de pesquisa descritiva com abordagem qualitativa. É caracterizada como pesquisa descritiva uma pesquisa que detalha um fenômeno e descreve a forma com que ele ocorre, através de experimento, a aplicação é passível de avaliações e interpretações, e os fatores contribuem para os resultados. As pesquisas qualitativas são caracterizadas quando há um planejamento através de questões ou problemas específicos e são utilizadas no decorrer da pesquisa questionários e/ou entrevistas (DALFOVO, 2008).

Para a realização da pesquisa bibliográfica utilizamos livros e artigos científicos de diversos autores como, Almeida (2015); Botelho (1998); Marin e Góes (2006); Strobel (2006; 2008); Monteiro (2006); Lacerda (2006), entre outros, abrangendo assim assuntos relacionados ao tema através de verificação e ligação entre os estudos referentes. Buscando entender as circunstâncias que caracterizam as realidades sociais das pessoas surdas apresentamos as concepções sobre o sujeito surdo, a Libras, as leis de amparo à pessoa surda e a relação entre acessibilidade comunicacional e os espaços sociais. Relacionamos publicações e citações que tratam de assuntos ligados ao desenvolvimento histórico dos surdos, mostrando como se deu as conquistas relacionadas à língua e as leis criadas para concretização legal de sua legitimidade

na sociedade, os conceitos de língua, linguagem e comunicação, assim como a questão da acessibilidade como direito garantido de qualquer cidadão sem distinção de qualquer natureza.

De acordo com Boccato (2006, p. 266),

A pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação.

Apresentamos a revisão bibliográfica do trabalho no capítulo 2, que foi subdividido em três tópicos relacionados aos objetivos específicos da pesquisa. Quanto à pesquisa de campo, foram feitas entrevistas com integrantes das associações de surdos das cidades mineiras de Betim, Contagem e Sete Lagoas e com o responsável pela associação de surdos da cidade mineira de Betim. Apresentaremos de modo mais detalhado como essa pesquisa de campo foi realizada e quais os principais resultados identificados no Capítulo 3 desta monografia. Por fim, no Capítulo 4, indicamos as considerações finais do trabalho.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 Aspectos históricos do processo de inclusão da pessoa surda no Brasil

Por muitos anos, os surdos foram tratados de forma diferenciada, mas nem sempre da forma correta, eram deixados de lado, diagnosticados com outros tipos de deficiência, escondidos, isolados, algumas vezes literalmente trancados em casa por vergonha ou por acharem que eles eram incapazes (MOTA, 2014). Perlin e Strobel (2008) acrescentam que:

Os sujeitos surdos eram rejeitados pela sociedade e posteriormente eram isolados nos asilos para que pudessem ser protegidos, pois não se acreditava que pudessem ter uma educação em função da sua ‘anormalidade’, ou seja, aquela conduta marcada pela intolerância obscura na visão negativa sobre os surdos, viam-nos como ‘anormais’ ou ‘doentes’. (p. 17)

Essa percepção vem desde a antiguidade, de acordo com Quirós (1966) citado por Strobel (2006), quando os surdos eram vistos como “anormais”, com algum tipo de retardo intelectual, pois, para ser considerada uma pessoa “normal” e ser aceito pela sociedade, o sujeito deveria falar e ouvir. Sendo assim, os surdos eram sistematicamente excluídos da vida social e educacional.

No Brasil, somente em 1857, na cidade do Rio de Janeiro, foi fundada a primeira escola de surdos no país. A convite de D. Pedro II, veio para o Brasil o francês chamando Eduard Huet para fundar a primeira escola de surdos, chamada na época de Imperial Instituto de Surdos-Mudos, que mais tarde veio a receber o nome de Instituto Nacional de Educação de Surdos com a sigla INES (PEREIRA et al., 2011). Huet trouxe consigo o alfabeto manual Francês e outros sinais. Com a fundação da escola no Rio de Janeiro, os surdos brasileiros de várias regiões do país foram para lá em busca de ensino. Huet os educava através da língua escrita, do alfabeto digital e dos sinais (PEREIRA et al., 2011). Os surdos brasileiros, em contato com a língua de sinais francesa (LSF) produziram sua própria língua, a Libras.

Segundo Quadros e Karnopp (2004) citado por Vagula e Vedoato (2014), além do termo Libras ser utilizado para se referir a língua de sinais do Brasil, existe também outras siglas para se referir a ela, como a LBS (Língua de Sinais Brasileira), que é utilizada internacionalmente seguindo os padrões universal de identificação para as línguas de sinais.

Para Strobel (2018)

A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as

experiências visuais dos sujeitos surdos, e que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal. (p. 23)

No final do século XIX, o Brasil começa a discutir qual seria o melhor método de educação para os surdos, sendo eles: a língua brasileira de sinais, o oralismo ou o método misto. Ocorreu, também nesse período, o Congresso Internacional de Professores de Surdos, na cidade de Milão, Itália, quando foi escolhido o método oral como o melhor para a educação dos surdos. Seguindo as orientações do Congresso de Milão, o Imperial Instituto dos Surdos-Mudos também proibiu a língua de sinais (BRASIL, 2010) e adotou o oralismo, assumindo-o como referencial nas práticas educacionais (PEREIRA et al., 2011). De acordo com Guedes (2010),

O oralismo abrange metodologias que enfocam exclusivamente a oralização dos surdos, apoiadas na língua majoritária ouvinte, tendo como objetivo primordial o treinamento da fala, como base na leitura labial e no aproveitamento dos resíduos auditivos. (p.15)

Com a proibição da língua de sinais, surgem então seus defensores no Brasil, e são criadas as associações de surdos e a Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS, 2020), dirigida apenas por surdos, para desarticular a antiga FENEIDA que era composta apenas por pessoas ouvintes. Começaram a ser implantadas as primeiras escolas para surdos que impulsionaram importantes discussões sobre metodologias e filosofias de ensino para surdos.

Ainda sim, vale ressaltar que, por quase um século, a sociedade brasileira impôs aos surdos a comunicação por meio da linguagem oral, proibindo e marginalizando a língua natural dos surdos, que é a língua de sinais. É ela que possibilita a interação, o raciocínio, o desenvolvimento cognitivo e a interação das pessoas com surdez em diversos contextos.

A Constituição Federal do Brasil de 1988 constitui uma grande conquista de direitos para as pessoas com deficiência, a partir daí, várias leis específicas foram formuladas. Devido as dificuldades ocasionadas pelas questões da língua, em 1993, um projeto de Lei deu início a uma longa batalha de legalização e regulamentação da língua de sinais em âmbito federal, culminando com a criação da Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, que reconhece a língua brasileira de sinais, seguida pelo Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que a regulamenta (BRASIL, 2005). A língua de sinais passou a ser considerada pela linguística como língua natural ou como um sistema linguístico legítimo, deixando de ser classificada como um problema dos surdos ou uma patologia. A língua brasileira de sinais foi nomeada Libras no II Congresso Latino-Americano Brasileiro para Surdos, onde substituiu a sigla LSBC (Língua de Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros), termo utilizado apenas para as pesquisas

linguísticas, sendo a Libras o termo usado pelas comunidades surdas (VAGULA; VEDOATO,2014).

Outra conquista importante para os surdos foi o direito ao intérprete de Libras, designado para realizar a tradução e interpretação de todo conteúdo em sala de aula. Essa conquista foi contemplada somente em 2007, mostrando que as conquistas ligadas à acessibilidade são bem recentes, evidenciando a defasagem das políticas públicas voltadas para os direitos sociais das pessoas com deficiência (AGAPITO; ALVES; LEÃO, 2017).

A população surda brasileira disputa pautas ligadas ao acesso ou à sua falta em espaços coletivos, como também a participação em atividades diversificadas. Os transtornos encontrados pelos surdos ocorrem frequentemente e sem serem percebidos pela maioria dos ouvintes, por tratar-se de obstáculos presentes na base social. Segundo relatam Marin e Góes (2006) em sua pesquisa, as pessoas surdas em diferentes atividades acabam tendo que se adaptar ao oralismo, por serem os ouvintes dominantes em seu ambiente de convívio. Encontram dificuldades nas empresas como resistência à contratação, quando contratados, se deparam com adversidades na dinâmica laboral e nas relações por não poderem se comunicar. Isso ocorre tanto pelo desconhecimento dos ouvintes a respeito da língua de sinais, como pela falta de intérpretes, o que faz com que a pessoa surda tenha que seguir um padrão de trabalho que é exclusivo para o público ouvinte.

Assim, segundo Danesi (2008), mesmo depois de séculos de lutas por inclusão, os surdos, ainda hoje, permanecem vulneráveis e sofrem discriminação dos ouvintes por causa da surdez. A proibição no passado e o uso ainda restrito da Libras nos dias atuais é característica explícita de violência a esse segmento da população. Vejamos um pouco mais sobre o desafio da acessibilidade comunicacional no próximo tópico.

2.2 Conceito de acessibilidade e os desafios da comunicação das pessoas surdas na esfera social

Os espaços sociais devem garantir a possibilidade de acesso a todas as pessoas, com segurança e autonomia, independente de uma deficiência de natureza física, mental, intelectual ou sensorial. Esse acesso deve estar disposto sem barreiras, em igualdade de condições a todas as pessoas. A acessibilidade é a garantia de que todos os meios sociais sejam utilizados por todos, pois é através dela que ocorre a aproximação, sem dificuldades, e que determina o sucesso da ligação entre público e ambientes diversos. A acessibilidade está diretamente ligada ao direito

de cada indivíduo em sua singularidade, especialmente àqueles com alguma deficiência sensorial ou física, incluindo os idosos, vivenciarem sua cidadania de forma plena. Seu bom funcionamento é crucial para que cada uma dessas pessoas possa conviver em sociedade com dignidade, participando ativamente de ações sociais, sem obstáculos que possam impossibilitar a fluidez de práticas cotidianas (BRASIL,2015).

O que caracteriza de fato a acessibilidade é o método de elaboração de ambientes que respeitem a utilização por parte de todas as pessoas de forma imparcial, criado com base nos princípios da mobilização acerca da inclusão social (SARRAF, 2008). Nesse sentido, envolve o enfrentamento de limitações de aspecto físico, de locomoção e de comunicação, como barreiras urbanísticas em espaços públicos, arquitetônicas em edifícios, arquitetônicas em transportes e barreiras comunicacionais, representada por problemas que prejudiquem tanto a expressão quanto o recebimento de mensagens através dos meios ou sistemas de comunicação (BRASIL, 2015).

O obstáculo principal encontrado no decorrer do processo de comunicação entre surdos e ouvintes possui profundas raízes que têm origem na educação de forma geral. Atualmente a comunicação tem sido o mais importante veículo responsável pela inclusão dos surdos no âmbito tecnológico e educacional, pois essas etapas inserem, por meio da relação interpessoal, o surdo e a sociedade (BRASIL, 2007). A partir da implantação de leis que asseguram a funcionalidade efetiva da participação da pessoa surda em espaços sociais como um todo, espera-se que os mesmos em sua amplitude estejam aptos para receber esse público que por muito tempo exigiu, através de grande esforço, obter uma legislação que legalizasse sua própria língua. No entanto, a efetivação dessas leis não garante na prática que esses sujeitos usufruam das mesmas garantias que pessoas não surdas já possuem de forma sistematizada. Considerando ainda como ponto de partida a educação como alicerce e ponte para reforçar o desenvolvimento amplo através da efetiva comunicação entre ouvintes e não ouvintes, observa-se que não são todos os surdos que dispõem de acesso ao avanço integral das habilidades necessárias e adquiridas mediante a educação absoluta, sendo ainda um privilégio para poucos.

A lei de acessibilidade nº 13.146/2015, em seu artigo 1º assegura e promove em condições de igualdade o exercício de direitos e das liberdades fundamentais por pessoas com deficiência, visando a sua inclusão social e cidadania. Também é garantida uma comunicação como forma de interação entre todos os cidadãos que no caso da comunidade surda é a Libras, incluindo até as tecnologias da informação e das comunicações (BRASIL, 2015). No entanto, desde que a lei

entrou em vigor até os dias atuais, percebemos que muito falta fazer para o cumprimento da lei em sua plenitude, por inúmeras dificuldades que abordaremos mais adiante. No trecho a seguir da lei de acessibilidade fica evidente que todos somos responsáveis para o bem suceder desta proposta:

Art. 8º É dever do Estado, da sociedade e da família assegurar à pessoa com deficiência, com prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à sexualidade, à paternidade e à maternidade, à alimentação, à habitação, à educação, à profissionalização, ao trabalho, à previdência social, à habilitação e à reabilitação, ao transporte, à acessibilidade, à cultura, ao desporto, ao turismo, ao lazer, à informação, à comunicação, aos avanços científicos e tecnológicos, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária, entre outros decorrentes da Constituição Federal, da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo e das leis e de outras normas que garantam seu bem-estar pessoal, social e econômico (BRASIL,2015).

Neste trabalho, tomamos a acessibilidade a partir de um ponto específico, em que a presença ou falta dela situa-se no contexto da comunicação e suas complexidades perante a divergência de idiomas, sendo a Libras uma língua própria utilizada por grande parte dos surdos brasileiros e não praticada pela maioria dos ouvintes. No âmbito social da língua, sua função primordial é possibilitar a comunicação entre os indivíduos, a partir disso podemos observar que existem limitações que impossibilitam o acesso amplo das pessoas surdas, na medida em que a língua que lhes é própria é conhecida por poucos.

Os fatores de inclusão relacionados à acessibilidade no contexto da informação e comunicação ligados às dificuldades vivenciadas pelas pessoas surdas, dizem respeito às diferenças linguístico-cognitivos presentes entre esses sujeitos. Botelho (1998) enfatiza que a maioria das pesquisas, tendo como foco a surdez, não considera a pessoa surda como um cidadão comum, considerando suas diferenças individuais consequências advindas de elementos tais como: influências sociais, históricas, culturais e educacionais. No aspecto linguístico-cognitivo, segundo o autor, as diferenças entre surdos oralizados e não oralizados ficam mais destacadas, sendo que os surdos oralizados possuem habilidades de fala, e os não oralizados não utilizam nenhum meio verbalizado de comunicação. No entanto, os indivíduos não oralizados não são necessariamente mudos.

Segundo Vygotsky (2001) citado por Lacerda (2006), a linguagem é essencial para atividade psíquica humana, pois é responsável pela estruturação dos processos cognitivos. Sem a linguagem não é possível a interação que é fundamental para a construção do conhecimento. Sabendo que um dos principais problemas que os surdos se deparam é a falta de conhecimento

dos ouvintes sobre a língua brasileira de sinais, é fundamental compreender como se dá esse aspecto, nas relações sociais entre surdos e ouvintes e se acontece de forma efetiva, pois como afirma Lacerda (2006, p.) “Os sujeitos surdos pela defasagem auditiva enfrentam dificuldades para entrar em contato com a língua da comunidade social que estão inseridos”.

Para Falcão (2010) citado por Lima e Freitas (2017),

A criança aprende aquilo que vivencia e depende de um adulto para estimular a linguagem, no caso da criança surda é importante o convívio com um adulto surdo que saiba Libras, também é necessário que haja interação com ouvintes para criar relações de humanização (p.40).

De acordo com Vygotsky (1998) citado por Ramos e Oliveira (2011), a criança desde o seu nascimento, é imersa em um mundo social, onde toda a atividade humana é mediada pela linguagem. Através de sua interação com o mundo, a criança, gradativamente, vai se apropriando da linguagem em suas relações com os objetos e com o outro, seja criança ou adulto.

Nesse sentido, a questão da acessibilidade das pessoas surdas precisa realizar-se de maneira transversal, fazendo-se necessário discutir diversos tópicos, tais como: o modo de escuta; os meios utilizados para melhoria da visibilidade nos ambientes; a contraposição de cores; o uso de legendas; a língua de sinais, entre outros.

Como foi discutido no tópico anterior, a língua de sinais durante anos foi desvalorizada e não era utilizada, isso acarretava aos surdos um isolamento social por falta de comunicação, tal como discute Monteiro (2006). Durante um longo período da história, não se compreendia a importância dos surdos se comunicarem por meio dos sinais, e por meio dessa comunicação construir sua identidade cultural e seu desenvolvimento cognitivo e de linguagem. Com isso, houve tentativas de inserção do surdo na cultura dos ouvintes, sendo a educação oral predominante, reconhecendo que essa era a melhor maneira de formá-los e educá-los, fazendo com que os surdos fossem perdendo sua cultura e sua identidade. Com essa imposição do oralismo, cria-se uma defasagem na educação dos surdos dentro das escolas, fazendo com que não estejam preparados para vida. Sendo negado a eles acesso mínimo à continuidade escolar, bem como a uma vida profissional e afetiva, portanto, sem direito a uma vida autônoma (SILVA; ABREU,2018). Atualmente, as pessoas têm enxergado os surdos, sua língua e sua cultura de outra forma. Porém, as mudanças são lentas quando se trata de políticas públicas.

Como exemplo dos desafios enfrentados pelo surdo no mercado de trabalho, destacamos o estudo de Marin e Góes (2006), que desenvolveram sua pesquisa juntamente com os surdos. Neste estudo, os seis participantes foram convidados a relatarem depoimentos de algumas práticas do cotidiano, em que desenvolvem atividades comuns para os ouvintes. Nesse cenário é possível perceber certa naturalização dos surdos quanto à falta de comunicação e acessibilidade. Relacionado ao mercado de trabalho, as pesquisadoras perguntaram a João, um homem surdo, onde ele já havia trabalhado. Sua resposta foi:

Eu trabalhei em vários lugares, por exemplo, se eu falo que eu não sei fazer um serviço eles me mandam embora, meus amigos falam que eu tenho que ter paciência, o chefe fala, fala rápido, eu olho e falo que não consigo, não consigo entender, aí meu amigo escreve para mim e eu tento entender, é difícil porque não tem intérprete, eu fico meio atrapalhado com a leitura labial, o primeiro mês lá foi bem difícil, lá em RC (cidade próxima) foi igual também, só falava, falava, até doía os olhos, não tem sinais, depois que fui fazendo amigos, eu fui ensinado os sinais, eu fui fazendo amizades, expliquei o alfabeto, então eu tenho um amigo lá que sempre me ajuda, aí o chefe percebeu que eu estava nervoso, me chamou e falou que sabia que eu era inteligente também, que eu não era burro, tem que ter paciência para surdo trabalhar na fábrica, eu obedeço o chefe, ele fala, fala, eu tento entender e aprender, o chefe pergunta se entendeu, eu falo desculpa, mas eu sou surdo, só porque é surdo vai desprezar? (MARIN, GÓES, 2006, p. 235).

Ainda de acordo com a pesquisa, Marin e Góes (2006) descrevem que a partir do relato de João é perceptível a falta de preparo da empresa em receber um surdo e a despreocupação em entender a língua de sinais como a língua materna deles. Nesse caso é possível perceber que o chefe da empresa, exige uma condição que é a leitura labial, na qual não faz parte da atual educação dos surdos, a falta de conhecimento e acessibilidade faz com que a Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, não seja implementada como deveria.

Outro relato que reforça essa falta de conhecimento é o de Marcela, que ao ser perguntada pelo motivo de sua demissão afirma: “Fui mandada embora porque eu faltei”. A pesquisadora então afirma: “Eu conheço outras pessoas surdas que perderam o emprego porque faltavam muito, eu queria saber se vocês recebem informações sobre o que vocês podem e o que vocês não podem fazer numa fábrica?”. Marcela continua seu relato:

Quando eu entrei lá eu já sabia de algumas coisas, lá o que eles falavam é que meu serviço estava bom, minha mãe nunca me aconselhou nada sobre isso, o chefe falou cuidado porque não pode faltar e eu entendi, eu gosto de trabalhar, mas quando eu estava trabalhando lá eu comecei ter dores na mão, eu tive que usar tala no braço, eu trabalhei lá seis anos, lá tinha muita fofoca, eu acho que deve ter acontecido alguma coisa, eu só faltava de domingo, acho que foi por isso que me mandaram embora, depois eu voltei lá na fábrica para saber e eles falaram que eu saí porque eu não podia faltar, mas eu não sabia que faltar de domingo não podia, eu já tinha faltado, (MARIN; GÓES, 2006, p. 238).

Por meio do relato de Marcela é possível compreender que as orientações da empresa são repassadas somente de forma oral, ocasionando a falta de compreensão e conseqüentemente o não cumprimento das normas. Nos dois relatos é possível perceber que a falta de compreensão e a falta de comunicação em Libras trouxe a demissão dos funcionários que não sabem o motivo exato de sua exclusão do mercado de trabalho. As pesquisadoras discutem outras situações relevantes, o que nos incentivou a aprofundar as relações entre o acesso a Libras e a acessibilidade social dos sujeitos surdos.

Para Strobel (2008, p.14)

A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, e que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal.

A fonologia da língua de sinais é representada pela quirologia, que é o estudo do movimento das mãos e do pulso, sendo representada pela articulação dos sinais. Libras é denominada língua de modalidade espaço-visual, pois é compreendida pelos olhos e produzida pelas mãos (VAGULA; VEDOATO, 2014).

De acordo com Felipe (2001) citado por Perreira et al. (2011), os sinais são formados a partir da combinação do movimento das mãos como um determinado formato em um lugar específico, podendo ser uma parte do corpo ou um espaço em frente ao corpo. Para a formação dos sinais da Libras existem cinco parâmetros, sendo eles: configuração das mãos, ponto de articulação, movimento das mãos, orientação e expressão facial. Dessa forma, os sinais das Libras possuem um deslocamento das mãos no espaço, articulando-se ao corpo que pode estar diretamente relacionado à cabeça, às mãos, ao tronco e/ou a um espaço neutro. Além disso, o sinal possui um movimento próprio que pode ocorrer de cima para baixo, para o lado, para a frente, entre outros. Tudo isso combinado à expressão facial, auxiliando no sentido que se deseja produzir no momento de comunicação.

Pensando na perspectiva de comunicação das pessoas surdas, a Libras é considerada como uma língua. Neste sentido é importante salientar que língua e linguagem são conceitos constantemente confundidos, sendo elementos que juntos compõem todas as formas de comunicabilidade existentes. No entanto, a diferenciação entre os dois é essencial no que diz respeito ao entendimento de como cada um se apresenta e é utilizado nos mais diversos meios de comunicação. A linguagem é tudo aquilo utilizado para a transmissão de concepções, ideias, sentimentos, entre outros. É uma representação de mundo que pode ser expressa através de

signos ou sinais, sendo variada na sua forma de representação, como por exemplo, a musical, cinematográfica, artística, corporal, entre outras. Já a língua é um idioma, que por meio de conjuntos de sinais denominados signos verbais, se apresenta nas formas escrita, oral e gestual, sendo um componente presente na linguagem.

Neste sentido, os surdos são incluídos no grupo denominado de deficientes linguísticos e, dependendo do contexto nos quais estão inseridos, são marginalizados e excluídos do sistema social. Nessas circunstâncias, as práticas linguísticas, culturais e educacionais dos surdos são invalidadas pelo grupo majoritário, que é composto por ouvintes. A visão patológica da surdez a denomina como uma deformação que precisa ser tratada, descrevendo a surdez como um aspecto que deve ser curado. No entanto, Almeida (2015) salienta que ser surdo é uma maneira de estar no mundo, não uma doença.

Para Strobel (2008), a escola bilíngue é comprovadamente a melhor para a socialização, alfabetização e inclusão social de surdos, pois contribui e valoriza a identidade surda e sua cultura. A modalidade da escola bilíngue consiste na aprendizagem da língua de sinais como primeira língua e a língua portuguesa na modalidade escrita, como língua secundária. Quanto mais cedo as crianças surdas tiverem contato com pessoas surdas ou frequentarem escolas bilíngue, melhor serão os resultados no que diz respeito ao desenvolvimento de sua língua e identidade, proporcionando aos alunos autonomia, representatividade e ampliação do conhecimento.

Na modalidade bilíngue, de acordo com Silva e Abreu (2018), é fundamental que os professores estejam bem preparados e que de preferência sejam professores surdos, para apresentarem a cultura surda e sua identidade, além de contribuir para a representatividade dos surdos na sociedade. Nas escolas bilíngues, é possível mesclar a cultura ouvinte com a cultura surda, possibilitando às crianças a aquisição de sua língua de forma natural e espontânea. Porém, ainda hoje a educação bilíngue se apresenta como um desafio nas escolas brasileiras, pois muitos gestores não compreendem a diferença entre escola especial e escola bilíngue (FENEIS, 2011). Sendo que, na escola especial para surdos é ensinado apenas a língua de sinais, e na escola bilíngue é estudada a língua de sinais como primeira língua e o português como segunda língua, na modalidade escrita. Nesse aspecto, faz-se necessário aprofundamento sobre a cultura surda, pois não existe educação bilíngue sem a articulação direta com as formas de compreensão das relações com o mundo, pelas pessoas surdas.

2.3 A cultura surda como condição de acessibilidade das pessoas surdas

Segundo Silva e Abreu (2018), toda comunidade necessita de uma cultura para formar sua identidade e por isso há uma necessidade de o surdo interagir com outros surdos, formando assim a construção da sua linguagem através da língua de sinais, valorizando suas identidades e costumes dentro da comunidade, intensificando cada vez mais a sua cultura.

A visão social e antropológica da surdez foi iniciada por de Stokoe (1960) conforme citado por Danesi (2008). Para ela os sinais são verdadeiros signos e por meio deles as pessoas conseguem expressar seus sentimentos e pensamentos. Dessa forma, a Libras é uma língua com configurações próprias e é fundamental para a comunicação dos surdos. Tal conceito é reforçado por Almeida (2015, p.87) que afirma que, “a priori, o sujeito surdo é esteticamente livre para criar a partir de sua autonomia sensorial, e assim, obter as informações e interpretá-las”. A cultura surda faz um contraponto com a compreensão médica sobre a surdez, no seu aspecto de deficiência, ausência de oralidade, defasagem de estímulo sonoro passível de procedimentos cirúrgicos, como o implante coclear.

Strobel (2008, p. 27), escritora surda, apresenta a definição de Pandden e Humphries (2000),

Uma comunidade surda é um grupo de pessoas que vivem num determinado local, partilham os objetos comuns dos seus membros, e que por diversos meios trabalham no sentido de alcançarem estes objetos. Uma comunidade surda pode incluir pessoas que não são elas próprias Surdas, mas que apoiam ativamente os objetivos da comunidade e trabalham em conjunto com as pessoas surdas para alcançá-los.

Segundo Skaliar (1998) citado por Strobel (2008), os surdos se organizam e integram uns com os outros como sujeitos reais com potenciais pertencentes a uma comunidade linguística em que a falta de audição não desempenha um papel determinante. Para que o surdo se reconheça como tal, é importante que este estabeleça o contato com a comunidade surda, para que, desse modo, aconteça a identificação com a cultura, os costumes, a língua e, principalmente, com a diferença de sua condição. Pertencer à comunidade surda pode ser definido pelo domínio da língua de sinais e pelos sentimentos de identidade grupal, fatores que consideram a surdez como uma diferença e não como uma deficiência (PEREIRA, et al, 2011).

Nesse sentido, as associações de surdos têm um grande papel em sempre reunir interesses para se alcançar as metas e objetivos em comum. Assim, os objetivos primordiais das associações de surdos são ajudar no bem-estar, na assistência, e claro, na reunião das pessoas surdas de todas as idades em todos os locais em que eles estiverem, além de ser um apoio e estímulo em estudos, pesquisas para os interesses comuns dos surdos. Constituem-se, portanto, em

importantes espaços sociais para as pessoas surdas, principalmente para o desenvolvimento da língua e socialização.

As comunidades e as associações de surdos, segundo Monteiro (2006), começaram a surgir no Brasil na década de 1950, representando para as pessoas surdas um território livre do controle dos ouvintes, em que os surdos estabelecem intercâmbio cultural e linguístico e faziam uso da língua de sinais. No dia 16 de maio de 1954, foi fundada uma associação, com a ajuda da professora de surdos, Dona Ivete Vasconcelos, constituída pelos membros da Congregação de Surdos do Rio de Janeiro (Alvorada). Dona Ivete emprestava a sala do pátio de seu prédio para as reuniões com o presidente da associação - Vicente Burnier. Este foi substituído pelo novo presidente Alymar Antunes Bousquat, que juntou essa fundação com os ex-estudantes do INES para desenvolver as competições esportivas e de lazer. De acordo com o autor, com a volta dos ex-estudantes da INES para as suas cidades de origem de cada estado brasileiro, outras comunidades foram se organizando, e surgiu assim a segunda Associação de Surdos Mudos em São Paulo (1954) e, em seguida, Minas Gerais (1956).

De acordo com Monteiro (2006), existe no Brasil uma Confederação Brasileira de Desportos dos surdos (CBDS), que tem como função organizar e regulamentar muitas práticas de modalidades de esportes na comunidade surda, promovendo competições entre associações e outros. Há também oito Federações que são entidades filantrópicas, sem fins lucrativos com finalidade sociocultural, assistencial e educacional que tem por objetivo a defesa e a luta pelos direitos da Comunidade Surda Brasileira sendo essas filiadas à Federação Mundial dos Surdos. Existem ainda noventa e cinco Associações de Surdos espalhadas pelos Estados brasileiros, sendo importante espaço de articulação e encontro da comunidade surda onde pode ser compartilhado costumes, histórias e tradições em comum.

Pioneira nos movimentos em defesa dos direitos dos surdos, a Associação de Surdos de São Paulo (ASSP) realizou ao longo dos anos várias ações que contribuíram para conquistas importantes como a oficialização da Língua Brasileira de Sinais, a aproximação da comunidade surda com os esportes, a criação de escolas regionais para surdos, entre outras. O trecho a seguir apresenta uma relação de ações desenvolvidas pela ASSP:

Três importantes movimentos surdos começaram, então, a ser delineados no mesmo período da história, tendo como protagonistas sujeitos que participavam da e/ou mantinham relação direta com a ASSP: a) a luta pelo reconhecimento da língua de sinais nos espaços escolares, pois se assistia a um novo e também negativo momento na educação de seus pares com a adoção da Comunicação Total; b) a oposição à Feneida, por meio da organização de nova ação coletiva que permitiu que, em 1986, os surdos assumissem a instituição, mostrando que eram perfeitamente capazes de gerir

assuntos de seu próprio interesse (neste contexto a Feneida passou a ser denominada Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – Feneis); e c) a continuidade na luta pelo reconhecimento da CBDS pelo Conselho Nacional de Desporto, fato que veio a ocorrer em 1984, graças ao trabalho de todos como equipe. (FRAZÃO; LODI,2019).

As atividades desenvolvidas pelas comunidades surdas colaboram para disseminação e ampliação do alcance desses sujeitos tanto na esfera política quanto na social, não só no ambiente interno de suas instalações como também em outros espaços.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DE DADOS

Como apresentado na introdução desta monografia, este trabalho foi baseado em uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa, fundamentada por pesquisa bibliográfica (capítulo 2) e de campo. A pesquisa de campo foi realizada com o objetivo de analisar como as ações e os projetos desenvolvidos pelas associações de surdos contribuem para a acessibilidade social desse grupo. A coleta de dados foi realizada através de dois questionários (veja o apêndice), um deles destinado a usuários das associações, e o outro aos responsáveis pelas associações, por meio da plataforma Google Forms.

O questionário foi enviado para alguns integrantes das associações de surdos, das cidades mineiras de Betim, Contagem e Sete Lagoas, e para o atual responsável pela presidência da associação de surdos de Betim. Vale destacar que a associação de surdos da cidade de Contagem (MG) inicialmente também permitiu as entrevistas presenciais, porém por motivo de fechamento temporário por conta do agravamento da pandemia, as mesmas foram canceladas. Quando foi restabelecido novamente o contato com essa associação, para a resposta do questionário não tivemos retorno. Por esse motivo foi entrevistado apenas o responsável pela associação de surdos de Betim.

Ainda em relação ao questionário, num primeiro momento, as perguntas do questionário foram produzidas segundo as normas da língua portuguesa formal escrita, porém, tendo em vista a dificuldade de compreensão do público desta pesquisa, o questionário foi adaptado, com a escrita na estrutura gramatical da Libras, obtendo dessa forma, êxito na obtenção das respostas. Houve a participação de 7 pessoas no total de entrevistados.

3.1 Análise das respostas dos usuários das associações de surdos

Em relação aos usuários das associações, houve a participação de 6 pessoas no total, sendo 4 pessoas que frequentam a associação de Betim, 1 pessoa da associação de Contagem e 1 da associação de Sete Lagoas. Todos os participantes citados, estão com nomes fictícios, que serão utilizados para identificar e contextualizar as respostas. A idade dos participantes varia entre 25 e 52 anos. Cinco das seis pessoas que responderam, afirmam que frequentam as associações há mais de 5 anos. Com esse dado é possível visualizar que os participantes têm uma vasta

experiência dentro desse espaço. A tabela abaixo apresenta o perfil dos usuários respondentes de nosso questionário:

Nome	Idade	Associação que frequenta	Há quanto tempo
Serafim	49	Contagem	Mais de 5 anos
Isadora	33	Betim	Mais de 5 anos
Sirlene	52	Betim	Menos de 5 anos
Jefferson	32	Betim	Mais de 5 anos
Eduardo	41	Betim	Mais de 5 anos
Renata	25	Sete Lagoas	Mais de 5 anos

Quando perguntamos sobre a presença dos intérpretes das associações em espaços sociais, foi identificado que Serafim e Isadora consideram muito importante a presença deles em hospitais, Jefferson considera a importância desse profissional essencial nas agências bancárias e Sirlene acha indispensável nas escolas. Além disso, o entrevistado Eduardo afirma que “precisa muito intérprete em todos lugares, supermercado, hospital, bancos e muito mais”. A entrevistada Renata também afirma “Todos os lugares, surdo precisam intérpretes”. A partir dessas respostas é possível identificar que a associação cumpre um papel fundamental para a inclusão dos surdos ao oferecer o serviço de interpretação, promovendo a acessibilidade em espaços cotidianos. Com a afirmação de Eduardo e Renata, é possível perceber que eles têm o conhecimento de seus direitos e se mostram incomodados com a falta de intérpretes nos espaços sociais.

Em relação ao papel social das associações, quatro dos seis entrevistados, afirmam que as associações auxiliam na inserção no mercado de trabalho, os outros dois garantem que as associações também é um lugar que possibilita conhecer pessoas e assim construir sua identidade surda. Tal conceito também é identificado por Strobel (2008) que afirma a importância de os surdos terem contato com sua comunidade, pois dessa forma eles se identificam com sua cultura, com os costumes, e principalmente com a diferença de sua condição.

Em relação à inserção no mercado de trabalho, mesmo as associações promovendo melhores oportunidades, os participantes desta pesquisa afirmaram ter como desafios a comunicação nesse espaço. O mesmo foi apontado pelos entrevistados das pesquisadoras Marin e Góes (2006), que em seus relatos afirmam “tem que ter paciência para surdo trabalhar na fábrica, eu obedeço o chefe, ele fala, fala, eu tento entender e aprender, o chefe pergunta se entendeu, eu falo desculpa, mas eu sou surdo, só porque é surdo vai desprezar?” tais relatos mostram que a comunicação está diretamente ligada à falta de acessibilidade dos surdos.

Na sequência foi perguntado sobre a importância do aprendizado de Libras por parte da sociedade. Todos afirmaram que é necessária essa aprendizagem. Tal argumento é discutido por Almeida (2015) e Danesi (2008) que afirmam que a Língua Brasileira de Sinais é a forma de comunicação dos surdos, e através dela é possível obter as informações e interpretá-las. A Libras possibilita aos surdos desenvolverem seus pensamentos, sistematizar seus conhecimentos e se comunicarem. Porém, ainda hoje, mesmo depois da lei nº 10.436/02 e do decreto nº 5.626/05, em muitos espaços sociais não há acessibilidade comunicacional, o que dificulta a comunicação dos surdos. Novamente a falta de comunicação é pontuada pelos entrevistados.

Por fim, quando perguntados sobre quais ações poderiam melhorar nas associações, três dos entrevistados afirmam que é preciso ter mais intérpretes, um dos entrevistados acha que é preciso a oferta de mais cursos de Libras. Os intérpretes se apresentam como uma importante alternativa para a acessibilidade dos surdos, pois, com este apoio, eles conseguem realizar atividades que muitas vezes não teriam uma experiência tão satisfatória se não tivessem a presença dos intérpretes. Porém, esses profissionais ainda são minoria na sociedade em geral, por isso, como é possível verificar nas respostas dos participantes é preciso que existam mais profissionais nessa área, além de ampliar a oferta de cursos de Libras, para que toda a sociedade possa se comunicar com os surdos.

A partir das respostas dos participantes é possível perceber que em relação a acessibilidade comunicacional nos espaços sociais, as associações desenvolvem um papel fundamental, para a inclusão dos surdos. Porém, a sociedade em geral precisa aprender Libras para que os surdos tenham maior liberdade e autonomia em desenvolver suas tarefas cotidianas, tais direitos é contemplado com a lei de acessibilidade nº 13.146/2015 (BRASIL, 2015). As associações possibilitam a construção da identidade da comunidade surda, além de realizarem eventos, promover o uso da língua de sinais e a socialização dos surdos. Porém, as associações não dão conta de responder a toda necessidade de mediação comunicacional da população surda, e assim, ainda hoje os surdos têm como principal barreira social a comunicação como afirmado por Lacerda (2006) “Os sujeitos surdos enfrentam dificuldades para entrar em contato com a língua da comunidade social que estão inseridos”.

3.2 Análise das respostas do responsável pela associação da cidade de Betim

Na cidade de Betim existe a Associação dos Surdos de Betim (ASB), que foi criada em 14 de setembro de 1996 e realiza atividades esportivas de lazer, cultura e educação em parceria com a Federação Mineira Desportiva dos Surdos e atua na sociedade juntamente com o CRAEI (Centro de Referência e Apoio à Educação Inclusiva Rafael Veneroso) que oferece apoio pedagógico em contraturno escolar, para alunos surdos das escolas da cidade mineira de Betim. O entrevistado tem atualmente 41 anos de idade e é o principal responsável pela associação, nessa entrevista ele será identificado com a letra (E), para não expor sua identidade.

Em relação às dificuldades enfrentadas pelos surdos no cotidiano, (E) foi perguntado sobre qual é o maior obstáculo atual, na vida do surdo, ele afirma que é a comunicação. Tal barreira também é descrita na pesquisa de Marin e Góes (2006) quando um surdo entrevistado pelas pesquisadoras afirma “O chefe fala, fala rápido, eu olho e falo que não consigo, não consigo entender, aí meu amigo escreve para mim e eu tento entender, é difícil.” Tal relato reforça a importância da comunicação em Libras pelos surdos. Muitas vezes em atividades cotidianas como o trabalho, o surdo não consegue desenvolver suas habilidades, pois não compreende as tarefas que lhe são designadas em português.

Sobre as atividades promovidas pelas associações, quando perguntado sobre quais ações são realizadas (E) afirma: "Os integrantes promovem várias atividades que reúnem surdos, como festas, palestras, troca de informações, atividades esportivas e também de ensino voltado ao surdo, de forma que a família também esteja presente". Tais atividades contribuem para socialização dos surdos e da afirmação de sua identidade tendo em vista que esse espaço

representa para as pessoas surdas, um território livre do controle dos ouvintes, em que os surdos estabelecem intercâmbio cultural e linguístico e fazem o uso da língua de sinais, tal como descreve Monteiro (2006).

Quando perguntado ao responsável pela ASB sobre como são repassados os recursos financeiros para se manterem, o mesmo respondeu que recebem ajuda do governo e doações. Esses recursos são fundamentais para a continuidade do trabalho da associação e também para realizarem atividades que contribuem para a inclusão social dos surdos, porém, não são suficientes. A associação depende do trabalho voluntário de intérpretes para realizar suas ações.

A despeito das dificuldades encontradas pela associação, quando perguntado sobre a maior dificuldade, foi relatada justamente a falta de voluntários que possam auxiliar os surdos em suas atividades. Mesmo com as políticas públicas voltadas para a inclusão social dos surdos, ainda faltam iniciativas que possibilitem a disseminação da Libras como meio de comunicação, possibilitando dessa forma uma inclusão real dos surdos na sociedade.

Através das respostas do presidente da associação de surdos de Betim é possível perceber, que esse espaço auxilia a acessibilidade da pessoa surda. As associações desenvolvem ações que contribuem para a socialização dos surdos, para a constituição de sua identidade grupal, defesa dos direitos dos surdos, além de ajudar na disseminação da Libras, através de cursos ofertados pela associação, porém é preciso mais iniciativas que ampliem o conhecimento da Libras para toda sociedade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo histórico de exclusão social dos surdos ainda se reflete na atualidade. O cenário mostra uma realidade social onde poucos ouvintes utilizam a Libras, e pessoas surdas enfrentam diariamente obstáculos em espaços públicos e privados. Nas ruas, nos ônibus, nos aeroportos, no trabalho, nas delegacias, nas escolas, no comércio, nas repartições públicas, entre outros lugares, a dificuldade de comunicação existe, e os surdos são muitas vezes confundidos com pessoas com deficiência intelectual. Uma consulta ao médico, que para os ouvintes é uma tarefa simples, para os não ouvintes pode resultar em consequências sérias como um diagnóstico equivocado e uma receita igualmente mal interpretada. Uma abordagem policial torna-se um ato mais perigoso quando a pessoa abordada é um surdo, principalmente se a ordem de "pare" é feita enquanto o abordado está de costas para os policiais. A Libras ainda é muito restrita à comunidade surda, o conhecimento que muitos ouvintes têm a respeito das pessoas surdas é insuficiente ou errôneo.

Com a construção deste trabalho foi possível identificar que foram criados diversos marcos legais que estabelecem um processo de inclusão da comunidade surda na sociedade. A formalização da Libras como língua própria dos surdos brasileiros, por exemplo, é uma conquista significativa que ocorreu nesse processo de luta por inclusão. Porém, muitos espaços sociais ainda não estão aptos para receber esse público.

As associações de surdos se apresentam como um espaço fundamental para que a comunidade surda possa exercer sua cidadania e conhecer seus direitos, além de favorecer relações sociais com outras pessoas surdas e ouvintes. Porém, através dessa pesquisa foi possível perceber que é necessária melhor organização por parte do poder público e da sociedade em geral, a fim de criar estratégias para disseminar a Libras, pois por meio dos relatos dos entrevistados é perceptível que diversos espaços sociais, ainda hoje, não contam com pessoas preparadas para se comunicar com as pessoas surdas, e que as Associações não são capazes de suprir sozinhas toda a demanda por acessibilidade comunicacional da comunidade surda.

A pesquisa de campo também nos apresentou um grande desafio e ensinamento sobre os desafios comunicacionais vivenciados pelas pessoas surdas, pois, inicialmente seriam realizadas entrevistas presenciais em Libras, porém, devido ao contexto da pandemia do covid-19, a pesquisa teve que ser adaptada para a aplicação de um questionário virtual escrito, na plataforma google forms. Tal questionário foi construído inicialmente na Língua Portuguesa escrita formal, mas não alcançamos a compreensão por parte dos surdos. Então, o questionário

foi adaptado na estrutura gramatical da Libras, e só dessa forma obtivemos respostas. A necessidade dessa adaptação, por si só, já nos foi bastante elucidativo das especificidades comunicacionais dos sujeitos surdos, na maior parte das vezes, com limitações em seu processo de alfabetização na língua portuguesa escrita. O que aponta tanto para a necessidade de se qualificar os processos educacionais de alfabetização em L2, quanto para a necessidade de que o material escrito disponibilizado para pessoas surdas, em locais de trabalho, por exemplo, leve em consideração tais especificidades, para que sejam devidamente compreendidos pela comunidade surda.

Com essa monografia percebemos a enorme importância de entender o processo histórico de inclusão/exclusão/segregação dos surdos e os desafios da acessibilidade comunicacional existentes nas esferas sociais ainda hoje, pois só é possível contribuir para a acessibilidade, quando se tem conhecimento dos recursos que são necessários para que a inclusão seja consolidada.

REFERÊNCIAS

- AGAPITO, Francisca Melo; ALVES, Leandro Francisco; LEÃO, Marcelo Franco. Políticas Públicas Voltadas para a Inclusão Sociedade Surdos. **Revista Destaque Acadêmicos**, Lajeado, V.9. Mato Grosso, 2017. Disponível em www.univantes.br/revistas. Acesso em: 18 abril de 2020.
- ALMEIDA, Wolney Gomes. **Educação de Surdos, Formação, Estratégia e Prática Docente**. Ilhéus/Bahia: Editora da UESC, 2015.
- ARAÚJO. Helena de Lima Marinho Rodrigues; BRAGA. Aline Cristina Clemente. O professor de libras para ouvintes. **Rev. Expr. Catól.** v. 9, n. 2; Jul – Dez; 2020. Disponível em <http://publicacoesacademicas.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/rec/article/view/3587> acesso em: 30 de março de 2020.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF. 1988.
- BRASIL. Secretaria de direitos humanos. **História do movimento político da pessoa com deficiência no Brasil**. Brasília: Secretaria dos direitos humanos. 2010.
- BRASIL. **Decreto n. 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/. Acesso em: 15 abril 2020.
- BRASIL. **Lei n. 10.098**, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L10098.htm. Acesso em: 29 abril 2020.
- BRASIL. **Lei n. 10.436**, de 24 de abril de 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm. Acesso em: 18 abril 2020.
- BRASIL. **Lei n. 12.319**, de 1º de setembro de 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm. Acesso em: 18 abril 2020.
- BRASIL, **Lei nº 13.146**, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm>. Acesso em: 04 mar. 2021.
- BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Revista Odontologia da Universidade Cidade São Paulo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.
- BOTELHO, Paula. **Segredos e Silêncios na Educação de Surdos**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v.2, n.4, p.01- 13, Sem II. 2008.

DANESI, Marlene Canarim. Direitos Humanos Relacionados à Língua e à Cultura da Comunidade Surda: Aspectos Éticos. **Ciência em Movimento**. n° 19. Porto Alegre: 2008.

FENEIS (org). **Política educacional para os surdos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: FENEIS, 2005.

GUEDES, Betina Silva. **Sobre surdos, bocas e mãos: saberes que constituem o currículo de fonoaudiologia**. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2010. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/1993>>. Acesso em 18 de abril de 2020.

FRAZÃO, Natália Francisca; LODI, Ana Cláudia Baileiro. Associação de Surdos de São Paulo e a defesa pelos direitos linguísticos dos surdos. **Revista Educação Especial**, v.32, São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/38332/html>>. Acesso em: 21 de março 2020.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **Inclusão escolar de alunos Surdos: O que dizem alunos, professores e intérpretes**. Campinas SP, 2006.

LIMA, Maria Luzia Teixeira; FREITAS, Maria Cecília; Martinez Amaro. **A aprendizagem da criança surda**. Anápolis, GO. 2017. Disponível em: < [v. 2 n. 2 \(2017\): III Mostra Científica do Curso de Pedagogia da UniEVANGÉLICA](#)> Acesso em: 28 de março de 2020.

MARIN, Carla Regina; GÓES, Maria Cecília Rafael de. **A experiência de Pessoas Surdas em Esfera de Atividades do Cotidiano**. Vol. 26. N. 69 p. 231-249. Campinas, 2006.

MONTEIRO, Myrna Salerno. História dos Movimentos dos Surdos e o Reconhecimento da Libras no Brasil. **Educação temática digital**. Campinas, 2006.

MOTA, Paola Rodrigues. **Inclusão: o sujeito surdo na sociedade brasileira**. Maringá PR. 2014. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2014/Modalidade_1datahora_14_11_2014_14_30_24_idinscrito_3102_fde1204a257fed075e3ed4c5f709b8ea.pdf> acesso em 27 de março de 2020.

PEREIRA, Maria; CHOI, Daniel; VIEIRA, Maria; GASPAR Priscila; NAKASATO, Ricardo. **Libras conhecimento além dos sinais**. 1ª Edição. Editora Person Education do Brasil. São Paulo, 2011.

PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin. **Fundamentos da educação de surdos**. Florianópolis: UFSC, 2008.

RAMOS, Rowayne Soares; OLIVEIRA, Ana Arlinda. **Pensamentos e a aquisição da linguagem: uma reflexão da teoria de Vygotsky**. Mato Grosso, 2011.

SARRAF, Viviane Panelli. Acessibilidade e Comunicação Sensorial nos Museus e Espaços Culturais: Novos Desafios para a Mediação. **Diálogos entre arte e público**. Recife, v. 3, 2010.

SILVA, Gesláini Cunha; ABREU, Sandra Elaine Aires. **A escola bilíngue e a aquisição da cultura surda.** Anápolis GO, 2018.

STROBEL, Karin Lilian. A visão histórica da in(ex)clusão dos surdos nas escolas. **Educação temática digital.** v. 7, n. 2, p. 244-252, Campinas, SP, 2006.

STROBEL, Karin Lilian. **Projeto de mestrado Surdos:** Vestígios Culturais não registrados na História. Florianópolis: UFSC, 2008.

VAGULA, Edilaine; VEDOATO, Sandra Cristina Malzinoti. **Educação Inclusiva e Língua Brasileira de Sinais.** Unopar, v 1. 208. Londrina, 2014.

APÊNDICE

As respostas não podem ser editadas

Perguntas para os responsáveis das associações

Este questionário é uma pesquisa acadêmica do Centro Universitário UNA de Betim, sendo a parte final do trabalho de conclusão de curso da turma de pedagogia. A pesquisa tem como objetivo analisar a importância das associações dos Surdos para de inclusão social desses sujeitos. Seu nome não aparecerá no trabalho.

Nome

[REDACTED]

Idade

41

Você associação faz o que?

- Presidente
- Coordenador
- Intérprete
- Funcionário

Cidade qual?

- Betim
- Contagem
- Sete Lagoas
- Belo Horizonte

Vida dificuldade surdo ter, qual?

Comunicação

Qual atividade associação ter?

Integrantes promovem várias atividades que reúnem surdos, como festa, palestras, troca de informações, atividades esportivas e também ensino voltado para surdo, família também presente.

Associação ajuda receber?

Governo e doações

Dificuldade associação ter?

Falta voluntários

Associação importante vida surdo?

Muito importante. Eu tô precisando muito ajudar própria sede associação

As respostas não podem ser editadas

Perguntas para os participantes das Associações

Este questionário é uma pesquisa acadêmica do Centro Universitário UNA de Betim, sendo a parte final do trabalho de conclusão de curso da turma de pedagogia. A pesquisa tem como objetivo analisar a importância das associações dos Surdos para de inclusão social desses sujeitos. Seu nome não aparecerá no trabalho.

Nome

████████████████████

Idade

33

Qual associação você frequenta?

- Betim
- Contagem
- Sete Lagoas
- Belo Horizonte

Há quanto tempo frequenta a associação?

- Menos de 5 anos
- Mais de 5 anos

Interpretes das Associações onde ajuda surdos?

Hospital

A associação ajuda surdo como?

Trabalho

Trabalho dificuldade qual?

Comunicação

Pessoas, aprender Libras precisa?

Sim

Associação melhorar, precisa o que?

intérprete

As respostas não podem ser editadas

Perguntas para os participantes das Associações

Este questionário é uma pesquisa acadêmica do Centro Universitário UNA de Betim, sendo a parte final do trabalho de conclusão de curso da turma de pedagogia. A pesquisa tem como objetivo analisar a importância das associações dos Surdos para de inclusão social desses sujeitos. Seu nome não aparecerá no trabalho.

Nome

████████████████████

Idade

41

Qual associação você frequenta?

Qual associação você frequenta?

- Betim
- Contagem
- Sete Lagoas
- Belo Horizonte

Há quanto tempo frequenta a associação?

- Menos de 5 anos
- Mais de 5 anos

Interpretes das Associações onde ajuda surdos?

Precisa muito interpretar todos, supermercado, hospital, banco muito mais

A associação ajuda surdo como?

Trabalho

Trabalho dificuldade qual?

Comunicação

Pessoas, aprender Libras precisa?

Sim

Associação melhorar, precisa o que?

Cursos Libras

As respostas não podem ser editadas

Perguntas para os participantes das Associações

Este questionário é uma pesquisa acadêmica do Centro Universitário UNA de Betim, sendo a parte final do trabalho de conclusão de curso da turma de pedagogia. A pesquisa tem como objetivo analisar a importância das associações dos Surdos para de inclusão social desses sujeitos. Seu nome não aparecerá no trabalho.

Nome

████████████████████

Idade

32

Qual associação você frequenta?

- Betim
- Contagem
- Sete Lagoas
- Belo Horizonte

Há quanto tempo frequenta a associação?

- Menos de 5 anos
- Mais de 5 anos

Interpretes das Associações onde ajuda surdos?

Banco

A associação ajuda surdo como?

Trabalhar

Trabalho dificuldade qual?

Comunicação

Pessoas, aprender Libras precisa?

Sim

Associação melhorar, precisa o que?

Intérprete

As respostas não podem ser editadas

Perguntas para os participantes das Associações

Este questionário é uma pesquisa acadêmica do Centro Universitário UNA de Betim, sendo a parte final do trabalho de conclusão de curso da turma de pedagogia. A pesquisa tem como objetivo analisar a importância das associações dos Surdos para de inclusão social desses sujeitos. Seu nome não aparecerá no trabalho.

Nome

████████████████████

Idade

25

Qual associação você frequenta?

- Betim
- Contagem
- Sete Lagoas
- Belo Horizonte

Há quanto tempo frequenta a associação?

- Menos de 5 anos
- Mais de 5 anos

Interpretes das Associações onde ajuda surdos?

Todos lugares surdos precisam intérprete

A associação ajuda surdo como?

Conhecer pessoas diversas

Trabalho dificuldade qual?

Comunicação

Pessoas, aprender Libras precisa?

Sim

Associação melhorar, precisa o que?

Nada

Interpretes das Associações onde ajuda surdos?

Hospital

A associação ajuda surdo como?

Trabalho

Trabalho dificuldade qual?

Comunicação

Pessoas, aprender Libras precisa?

Sim

Associação melhorar, precisa o que?

Intérprete

As respostas não podem ser editadas

Perguntas para os participantes das Associações

Este questionário é uma pesquisa acadêmica do Centro Universitário UNA de Betim, sendo a parte final do trabalho de conclusão de curso da turma de pedagogia. A pesquisa tem como objetivo analisar a importância das associações dos Surdos para de inclusão social desses sujeitos. Seu nome não aparecerá no trabalho.

Nome

████████████████████

Idade

52

Qual associação você frequenta?

- Betim
- Contagem
- Sete Lagoas
- Belo Horizonte

Há quanto tempo frequenta a associação?

- Menos de 5 anos
- Mais de 5 anos

Interpretes das Associações onde ajuda surdos?

Escola

A associação ajuda surdo como?

Conhecer pessoas

Trabalho dificuldade qual?

Comunicação

Pessoas, aprender Libras precisa?

Sim

Associação melhorar, precisa o que?

Mais atividades